

O ornamento da massa



Por Gabriel Cohn*

Comentário sobre o livro que reúne os principais escritos curtos de Siegfried Kracauer.

Siegfried Kracauer (impossível grafar seu nome sem a sensação de que já nos seus termos tão conflitantes – germânico puro e duro, e judeu polonês – se encontra um sinal das tensões e turbulências que marcariam a vida e a obra dessa figura de perene “extraterritorialidade”, como ele próprio se definia), é conhecido sobretudo pelo seu livro sobre o cinema alemão na década de 1920 até o advento do nazismo em 1933, *De Caligari a Hitler*.

A edição de *O ornamento da massa*, reunindo seus principais escritos curtos – além de oferecer excelentes exemplos do alto nível do grande jornalismo cultural alemão nos anos 1920 –, permite ter uma ideia melhor da amplitude da sua contribuição à rica vertente do pensamento crítico judaico-alemão entre os anos 1920 e os anos 1960, na Alemanha e no exílio.

Contribuição, aliás, que mereceu o reconhecimento explícito de algumas das suas maiores figuras, em especial daquelas próximas do círculo que ficou conhecido como Escola de Frankfurt. Walter Benjamin, com quem estava na fatídica tentativa de fuga para a França via Espanha, dedicara-lhe tributo do qual muito se orgulhava. Referindo-se ao seu livro de 1930 sobre *Os empregados*, Benjamin assinalava sua importância na “radicalização da inteligência” e chamava Kracauer de “trapeiro na madrugada, que fiska os trapos de fala e os farrapos de palavras (...) na madrugada do dia da revolução”. Adorno – a quem o livro é dedicado – nunca sonhou o quanto devia a ele, e faz sentido a conjectura de que o título de um aforismo de *Mínima Moral* (Azougue), o de número 18, “Asilo para desabrigados”, seja uma referência, críptica como todas naquela obra, a capítulo assim nomeado do livro de Kracauer.

Kracauer era, por formação, arquiteto. Na realidade, seu diploma era de engenheiro, o que na severa universidade alemã da sua época significava pesada formação técnica em todos os níveis dessa área do conhecimento. Lembro isso para frisar que esse humanista por vocação conhecia por dentro os campos alternativos de exercício da inteligência. Jamais apreciou, todavia, o exercício da sua profissão, por mais que fosse dotado para ela em pelo menos um aspecto: a rica sensibilidade para a dimensão espacial, nutrida por um estilo de pensar todo voltado para o exercício da visão. Impossível não lembrar aqui o contraste com seu amigo Adorno, que se caracterizava como dado a “pensar com os ouvidos”, e que viria a se afastar dele no cenário de uma relação difícil, na qual a condição “extraterritorial”, deslocada no espaço de um contrastava com a condição de “inoportuno”, deslocada no tempo do outro.

Mais forte, sob todos os aspectos, é a afinidade com outro amigo comum, Walter Benjamin, também ele dado a perscrutar o mundo com olhar atento e melancólico. Já houve quem notasse a construção arquitetônica da presente coletânea, com suas seis partes distribuídas pelo próprio autor, que ainda teve tempo de organizá-la, em “geometria natural”, “objetos externos e internos”, “construções”, “perspectivas” e um desfecho como “ponto de fuga”, tudo isso ainda comportando uma seção aparentemente anômala e, no entanto, muito significativa na sua produção, simplesmente intitulada “cinema”. Uma

composição com forte caráter “ornamental”, como escreveu o editor das suas obras completas, Karsten Witte, ele próprio um estudioso do cinema com fortes afinidades pessoais e intelectuais com Kracauer.

Difícilmente Kracauer teria alçado o título de um dos textos da sua coletânea à condição de referência para o conjunto se a ideia do “ornamento das massas” não lhe parecesse especialmente significativa. A questão é: qual é, de fato, o seu significado? A expressão é carregada de ambigüidade – coisa pouco surpreendente num mestre no trato com significados ambíguos, que apontam para direções conflitantes e retiram sua força dessa tensão interna. A ideia de ornamento remete à de algo acessório, que se adiciona por capricho, ou por convenção, àquilo que realmente importa. Por isso mesmo era anátema para os colegas arquitetos de Kracauer partidários das linhas severas da funcionalidade.

Ao mesmo tempo, o ornamento, traço superficial do conjunto, é o que mais dá na vista, exatamente porque está na superfície. Isso já sugere que Kracauer é atento ao que está na superfície, recusa-se a descartá-lo em nome daquilo que recobre; entretanto, recusa-se a permanecer nela sem descobrir o seu significado. Nesse sentido, o termo ornamento guarda índole crítica no vocabulário de Kracauer. Deveremos, então, entender ornamento da massa como aquilo de que se adorna a massa? Ou será mais apropriada a solução encontrada na tradução italiana da obra, que alude à “massa como ornamento”? O texto no qual Kracauer trata diretamente do tema sugere ambas as coisas: o ornamento é das massas, e elas aparecem como ornamento. Aparecem para quem? Este é o ponto: aparecem para si mesmas.

O ornamento constitui o modo de aparência das massas e o modo como são levadas a se verem. Ao longo desse texto, e dos demais, multiplica-se o recurso a um estilo alusivo, em que uma rede de interpretação vai sendo urdida nos interstícios dos fenômenos para encontrar o seu sentido. A análise não vai tanto em busca da profundidade quanto do preenchimento dos vazios na superfície. Para isso, esse “trapeiro” não desdenha aquilo que Freud chamava de “dejetos do mundo fenomênico”.

O texto de maior densidade do volume, um clássico até hoje, trata de Georg Simmel, o pai de todos, figura extraordinária que, além de Kracauer, deixou marcas em Lukács, Benjamin, Adorno, Elias e tantos outros. Simmel é de certa forma o patrono dessa singular mescla de filósofo, sociólogo, psicólogo, literato e figura cultural pública que conferiu incomparável densidade ao pensamento em língua alemã na sua época e continua vivo, muito para além do seu território de origem (até porque era privado disso, e soube tirar o melhor dessa condição) no mundo contemporâneo.

Uma passagem desse notável texto permite caracterizar o perfil intelectual do próprio Kracauer, naquilo que ele tinha e naquilo que ele gostaria de superar. (Neste espírito, aliás, há notável paralelismo entre o tributo de Kracauer a Simmel e o tributo de Adorno a Kracauer). Simmel, escreve ele, não é pensador do tipo que se limita a concatenar fatos, nem, por outro lado, busca um “significado absoluto do mundo”. É “um mediador entre o fenômeno e a ideia. Partindo da superfície das coisas, com a ajuda de uma rede de relações analógicas e de afinidades substantivas, penetra nos seus fundamentos espirituais; evidencia assim em toda superfície o caráter simbólico (...). O evento mais insignificante indica o caminho em direção às profundezas da alma (...). Em Simmel, uma luz que parte do interior faz resplender os fenômenos, como o tecido e o adereço em certos quadros de Rembrandt” (p. 273).

Nisto encontram-se ambos, Kracauer e Simmel, naquilo que têm de melhor e nos seus limites, que Kracauer busca superar ao seu modo (a começar pela sua adesão inquebrantável ao primado da razão, contra tendências como a da “filosofia da vida” de Simmel). É dessa busca, feita por uma inteligência inquieta e ciente, como Simmel, de que “pensar dói”, que este livro dá testemunho.

***Gabriel Cohn** é Professor Emérito da FFLCH da USP. Autor, entre outros livros, de *Weber, Frankfurt – teoria e pensamento social* (Azougue).

Artigo publicado originalmente no *Jornal de Resenhas*.

Referência

Siegfried Kracauer. *O ornamento da massa*. São Paulo, Cosacnaify, 2009 (<https://amzn.to/3KOvWVf>).

A Terra é Redonda